

JORNAL DE ESPOSENDE

mensário informativo e regionalista



"Jornal de Esposende"

Fundado por um Grupo de Esposendenses

Director e Proprietário:
Armando Marques Henriques

Redacção-Administração (prévia)

Rua Conde de Castro, 3.1.º-E

ESPOSENDE

Composição e impressão

Editora Poveira, L.da

R. Manuel Silva/Póvoa de Várzim

Preço: 15\$00

Programar a tempo inteiro

A vida programa-se com antecedência. Qualquer cidadão comum assim faz em relação àquilo que pretende fazer no futuro mais ou menos próximo.

Foi assim e será enquanto o homem mantiver a sua independência face à euforia do momento e às promessas das circunstâncias. Em qualquer lugar e em variadas ocasiões de tal forma se procede: isto como regra geral.

Como em todas as regras também esta tem as suas excepções. Uma delas foi e continua a ser, por paradoxal que pareça, regra geral nesta terra: Esposende nunca teve aquilo a que tem direito cultural, etnográfica e turisticamente, para não falarmos já nos aspectos historiográfico e documental.

Assiste-se a um desinteresse total, tendo como espectadores principais as entidades para os efeitos dotadas, com responsabilidades na defesa e divulgação do nosso património.

Vem isto a propósito da Semana Santa que se aproxima, das Festas da Vila, que deveriam ser do concelho, e da época balnear, também estas não muito longe.

Do que fica dito cada um tire as ilações possíveis destas situações. As coisas continuarão a fazer-se por «carolice» de uns e descontentamento de outros.

Esperar apenas na iniciativa particular, sem apoio algum, votada ao desconhecimento ou descrença da maioria do público é, a nosso ver, uma atitude que não visa a melhoria das condições em que, actualmente, se inserem as diversas facetas, características duma população, dum concelho.

A posição deve ser outra, se vamos continuar na mesma, ou, deverá ser revista, se se pretende acabar com a inércia a que estamos habituados.

TRAGÉDIA FAMILIAR EM APÚLIA

Mulher assassinada a sangue frio pelo marido

No passado dia 5 do corrente, pouco depois das 11 horas, no lugar da Igreja, da freguesia de Apúlia, deste concelho, a população local assistiu apavorada à agressão e posterior assassinato de Clementina Ferreira da Silva, de 44 anos de idade, cujo autor foi seu marido Albertino Ferreira dos Santos Fradique.

Como de costume, também, nesse dia, a vítima foi trabalhar para o campo que se situa no mesmo lugar, e aí foi interpelada pelo marido que lhe exigiu a devolução da enxada, com que aquela trabalhava, alegando ser sua.

Tendo a Clementina da Silva, ressentida por desavença anterior que resultou na ida para o Porto do Albertino Fradique e daquela para casa dos pais, dito, em

jeito de desabafo, algumas palavras, pelos vistos não agradáveis, logo este e de imediato a agrediu com a enxada, dirigindo-se em seguida para casa.

Ferida nas pernas e nos braços foi a vítima socorrida por vizinhos que acorreram com a finalidade de a ajudarem, se possível, transportá-la a um estabelecimento hospitalar, para ser devidamente tratada.

Porém, no percurso, surgiu o marido munido duma arma caçadeira de 2 canos e apetrechado com cartucheira disposto para o pior.

Perante a ameaça um dos populares e conhecido do maricida tentou, em vão, impedir a concretização da intenção que facilmente se adivinhava.

(continua na 3.ª página)

Porque «ELE» nasceu

O mecanismo de transmissão hereditária de muitas das características físicas e psíquicas que definem a espécie humana é tema que desde sempre tem interessado o Homem. O mistério do nascimento de um ser vivo e da sua evolução ante o pós-natal, desde o ovo até à plenitude do «ter vivido» que se alcança na morte, atraí-nos e forçosamente obrigá-nos a tomar uma posição, de acordo com a nossa maneira de pensar e de encarar o mundo.

Não admira, por isso, que a Genética—a ciência que desde os fins do século passado, engloba os conhecimentos adquiridos sobre a forma como se transmite e modula a informação passada de pais a filhos—seja encarada com um misto de esperança e desconfiança: desconfiança, porque toca no mais íntimo do ser humano, o desejo de passar algo vivo à geração seguinte, que nela nos represente; de esperança quanto à possibilidade de aliviar o componente herdado das doenças que afligem a Humanidade.

A Genética permite ao médico, de clínica geral ou especialista, compreender melhor os quadros mórbidos dos seus pacientes, integrando-os com os resultados da observação clínica e laboratorial dos seus familiares e até confirmando os diagnósticos pela forma de transmissão hereditária. Este é o primeiro objectivo da Genética médica: a colaboração na identificação das doenças, a par com os restantes meios auxiliares de diagnóstico.

O segundo objectivo será colaborar na terapêutica: aqui encontramos-nos na infância da arte, pois contam-se pelos dedos as afecções cujos efeitos nocivos podem ser prevenidos (por exemplo, a fenilcetonúria permitirá uma vida normal se ao recém-nascido doente for atribuída uma dieta apropriada). A terapêutica genética das doenças hereditárias pertence ainda ao campo da investigação e apenas em dois casos, no animal de experiência, se conseguiu a correcção de situações herdadas. É bem provável que a nova tecnologia de recombinação génica venha a ser rapidamente aplicável à espécie humana, mas pode fazer-se desde já uma reserva: não será possível recuperar lesões já construídas, sobretudo do sistema nervoso.

O terceiro objectivo da Genética médica—e o prioritário, para muitos—é a prevenção das doenças hereditárias. Já em 1972, ao fazer o ponto da experiência do Serviço de Patologia Geral da

Pelo

Prof. Doutor

Amândio

Tavares



Faculdade de Medicina do Porto, chamávamos a atenção para os riscos e limitações do aconselhamento genético e, numa metáfora que infelizmente pareceu tornar-se uma profecia, afirmávamos a necessidade de estudar cientificamente esta forma de actividade médica, pois estávamos então a uma escassa dúzia de anos de 1984. Talvez a metáfora tenha pecado por sibilina, pois, a quatro anos de ficção orwelliana, os contornos deste es-

boçam adquirir estrutura de realidade.

Não resta dúvida de que as doenças provocadas por alteração dos genes ou dos cromossomas constituem pesada carga para o indivíduo, a família e a sociedade, quer em termos psicológicos, quer no plano económico—tal como, de resto, as malformações e defeitos adquiridos durante e desenvolvimento embrionário ou, até, no momento do

(continua na 3.ª página)

Eleitos os novos Corpos Gerentes dos B.V.E.

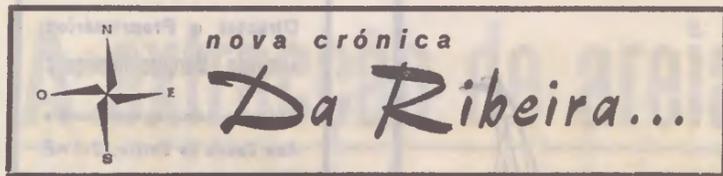
Na Assembleia Geral realizada no passado dia 26, foram eleitos os novos Corpos Gerentes dos B. V. de Esposende e para o biénio de 1980/2.

A remodelação verificada, na composição da única lista a sufrágio, foi profunda, ofrnedendo o seguinte resultado:

Assembleia Geral

Presidente, Dr. Francisco da Rocha Gonçalves Brochado; Vice-Presidente, Agostinho Pinto Teixeira; 1.º Secretário, David Fernando Teixeira Adães; 2.º Secretário, Manuel Mariz da Silva.

(continua na 2.ª página)



A pesca da lampreia artesanal em risco de extinção

A EXORBITÂNCIA DOS PREÇOS

Já lá vão alguns anos que o sistema artesanal da pesca da lampreia no rio Cávado, foi objecto de desenvolvida reportagem, publicada em jornais e revistas. Porém, tudo quanto foi escrito e revelado, está em vias de extinção.

Actualmente, a «estacada» está a ser posta de parte, sobretudo devido às canseiras e preocupações a que obrigava, à ocupação permanente e diária de que resultava o afastamento de outras actividades importantes na faina do mar. Tudo isto não trazia a desejada compensação. Os ganhos não valiam pelo tempo perdido com noites ao relento, e, entre muitas canseiras indispensáveis, o transporte das lampreias, arranjo das estacas, venda do pescado, redes, deslocação de embarcações, além doutros serviços.

Os tempos mudaram e a recente liberalização da pesca veio contribuir para que o sistema, então usado, fosse progressivamente abandonado. É de realçar, no entanto, a «estacada» no rio Cávado, era caso único no país e apenas tinha algumas semelhanças noutros rios, sobretudo Minho e Douro.

Não se julgue que, invocar tudo isto, é saudosismo. É uma característica de Esposende, muito nossa, que se perde. Ficará na história.

Os custos, nos tempos actuais, exercem uma extraordinária influência nos homens. E com razão, se atendermos à inflação galopante, à importância e reflexo desses mesmos custos na gestão de qualquer organização com fins lucrativos.

Cada um trata de si. Pescar livremente no rio, embora trazendo

vantagens, o rendimento será para quem trabalha. E o companheirismo da «estacada» perde-se no tempo e, aqueles outros, que beneficiavam deste sistema, ficam a perder. Têm de trabalhar no duro para angariar o sustento.

A pesca da lampreia é livre; livre é o preço de venda. Quem der mais, mais amigo. A inflação, nestas coisas, conta muito no mercado da lampreia. Porém, a gastronomia minhota, essa continua a imperar nesta época do ano.

A primeira lampreia custou 1200\$00. Preço proibitivo para quem não tem posses.

Seja como for, a lampreia continua a ser o prato da moda, nesta época do ano; é um luxo dos nossos dias; perdeu características e tradição. Mas, salve-se quem puder e, cada um, pelos seus próprios meios, vá matar desejos, «desogar», sem olhar ao preço de cada dose...

Peixe retirado da lota

Num dos últimos dias, os compradores de peixe da Lota de Esposende, foram surpreendidos por um gesto inédito por parte dos pescadores locais.

As fanecas destinadas à venda não atingiram os preços, por quilo, que seriam pretendidos. Em face de tal situação—os 80\$00/quilo desse dia não bastavam—os pescadores retiraram o peixe, voltaram às motoras com rumo a Viana onde atingiram os preços desejados.

Quer isto dizer que, sendo Esposende terra de pescadores e de peixe, continua a «gramar» o frango. Até quando?

O POVO E MANUEL DE BOAVENTURA

O TI' CAROCEIRO

(continuação da 4.ª página)
mandara-lhe a ceia. Na consoada de Ano Bom aproveitara as sobras—um nadita de bacalhau. Agora, pelos Reis, não tinha, não comia. Acabou-se...

«Amanhã cai um coelhito: assa-se nas brasas com um nonada de sal. Regala-se a barriga...»

Caía neve: deixá-la cair. Aquecidos os pés ao borralho, deitava-se e cobria-se com a carocha nova que lhe dera o Bica—capote palhudo para arrostar com as chuvas e com o friul.

—Arromba!

E quando o Barrozinho e o Silvestre, escancaram a porta deram de cara com o Ti Joaquim Caroceiro sossegado, como se aquilo não fosse com ele sentado no catre os joelhos em oucro e as mãos enfechadas a segurá-los, leve sorriso a aflorar os olhos muito abertos a contemplar as labaredas que começavam a en-

volver o velho bacamarte.

—Fuja, Ti Joaquim!

—Fuja, fuja!

Morre aí queimado!

Mas o desgraçado levanta-se sem grandes pressas e, em voz arrastada, previne os improvisados bombeiros que acudiram a salvá-lo:

—Fujam vocês: o bacamarte é capaz de matar um...

E logo o tiro partiu furando o colmasso do tecto, que já ardia bem.

Então o filósofo, com bem menos pressa do que lhe exigiam os espectadores, botou pelos ombros a carocha do Bica e safu pela porta fora, a suar...

As labaredas ergueram os braços para o céu e iluminaram a Feiteira toda. A barraca derruiu.

Estoicamente o velho disse:

—Deixem lá, rapazes: foi a primeira vez que senti calor em minha casa.»

Noticiário do Concelho

De Apúlia

FALECIMENTOS

Faleceram no lugar da Arcia, desta freguesia, nos dias 24 e 25, respectivamente, os srs. Manuel Martins Barbosa Rodrigues, casado, nascido em 7 de Maio de 1932, filho de Zacarias Barbosa Rodrigues e de Alexandrina Faria Martins; e Isolino Gonçalves do Paço, casado, nascido em 15 de Março de 1905, filho de José Gonçalves do Paço e de Ana Gomes.

PARA O BRASIL

Depois de uma temporada de férias passadas no nosso meio, entre os seus, regressou já ao Brasil e à sua actividade profissional em S. Paulo, o apuliense Amândio do Monte Dias, acompanhado da esposa e filhos.

CHEGADAS

Está entre nós, vindo de São Paulo, Brasil, o nosso conterrâneo João Gomes Moreira, acompanhado de sua esposa e filho, para uma prolongada estadia na nossa terra.

FÉRIAS NO BRASIL

Para passar uns meses de férias no Brasil, junto de familiares e amigos, partiu no dia 23 do corrente, acompanhado pela esposa, o nosso conterrâneo Manuel Gonçalves de Sá Lopes (Martins), considerado comerciante no lugar de Criaz, desta freguesia.

LIXEIRAS

A estrada do Campo de Futebol, os pinhais que a marginam, e o gaveto existente entre a Rua da Colónia e o paredão suporte da casa de habitação da parte Sul da Praia de Banhos, junto ao ribeiro da Fonte, são autênticas lixeiras, onde impunemente, parece, se deitam, sem qualquer respeito pela limpeza e saúde pública, os mais imundos e perigosos lixos.

CONSTITUIÇÃO DA JUNTA DE FREGUESIA

A Junta de Freguesia de Apúlia, após eleição realizada de entre aqueles que a população havia escolhido em Dezembro de 1979, ficou assim constituída:

Presidente, Manuel Tomé Gonçalves Serra (reeleito); Secretário, Inácio Agra Fernandes Eiras (reeleito); tesoureiro, Rodrigo Deveza Gomes Ribeiro.

Todos os elementos da Junta são do CDS (Centro Democrático Social) e são eleitos pela segunda vez consecutiva, até mesmo o tesoureiro, que no mandato anterior desempenhou o cargo de Presidente da Assembleia de Freguesia.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Também foram eleitos, e estão já no desempenho dos seus cargos, para presidente, primeiro e segundo secretários, os senhores Eduardo Fernandes Dias do Norte (CDS), Adriano Augusto de Almeida (PS), e José Maria Pereira da Silva (PSD).

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, não publicamos no presente número o nosso habitual noticiário.

De Forjães

NOTA DE ABERTURA

Ao iniciarmos a correspondência desta freguesia, queremos saudar os fundadores deste simpático periódico que veio preencher uma lacuna aberta há muito tempo na vila e todo o seu concelho. Também os nossos aplausos para todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para dar o alento indispensável a um jornal de província como é o «Jornal de Esposende».

Bem hajam.

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA DE FORJÃES

Frogianus—Vila Froiani

Frogiaes e agora Forjães.

Dizem alguns historiadores que o nome vem de Forja com o sufixo aês a indicar o colectivo, sítio de forjas. Terra de ferreiros, portanto!

Dizem outros que do antropónimo gótico—Forja ou Franja (que significa senhor).

O historiador Figueiredo Guerra é de opinião que deriva de Vila Froiani.

Foi uma vigairaria da apresentação do D. Abade beneditino do Convento de Palme que por tal recebia 70 000 reis.

(continuaremos)

NA HORA DA MUDANÇA

A Junta de Freguesia que saiu, fez, durante os 3 anos de administração, um trabalho digno de

todo o apreço, e que se deve registar como um exemplo de dedicação, carinho e amor pela terra que os elegeu. A construção do cemitério novo. A Juna conseguiu 640 contos da Câmara para esta obra, que era uma das maiores necessidades da freguesia.

Rasgou e asfaltou uma estrada nova, nos lugares de Além do Ribeiro e Pregais. Começou a 2.ª fase (interrompida há 40 anos) da estrada do Matinho até à estrada Barcelos—Viana.

Conseguiu, depois de um trabalho de luta porfiada, que o Ciclo Preparatório viesse para Forjães. Os projectos foram feitos, aprovados e, para a 1.ª fase, estão destinados 64 mil contos.

Tudo isto, além daquelas coisas mais pequenas, que dizem respeito às Juntas de Freguesia.

Agora, passou o testemunho à Junta nova, que é afectá ao PSD. Oxalá, para bem da freguesia, que possam fazer o mesmo, ou melhor.

FUTEBOL

O Forjães S. C. caminha firme e seguro na I Divisão do Viana.

Apesar daquelas tempestades que houveram no início, a rapaziada foi corajosa, não temendo os obstáculos. E sem «peneiras», dentro do espírito fraterno, ajudam-se mutuamente e estão a dar ao clube o que ele precisava. Dedicção, desinteresse e, sobretudo carinho.—C.

Eleição nos B. V. Cinema Cultural para Crianças

(continuação da 1.ª página)

Direcção

Presidente, Dr. Agostinho da Rua Reis; Vice-Presidente, João Conde Evangelista; 1.º Secretário, Manuel Cerqueira Nunes da Silva; 2.º Secretário, Mário Batista Marques Henriques; Tesoureiro, António da Costa Terra; Vogais, António Pinto Macedo e António Gonçalves Ferreira da Silva.

Conselho Fiscal

Presidente, Fernando Batista Marques Henriques; Vice-Presidente, Francisco Augusto Miranda Marques; Secretário-Relator, Abílio Martins Curvão.

Foram ainda abordados assuntos pertinentes, sobretudo sobre o funcionamento e convocação da Assembleia, mecanismo eleitoral, enfim, actualização do Estatuto que venha a contemplar os problemas abordados.

Nesta mesma Assembleia, os associados presentes tiveram oportunidade de apreciar as contas da gerência anterior, sendo proposto voto de louvor pela melhoria do saldo positivo verificado, que foi aceite e aprovado.

Recebeu aplausos dos presentes, Manuel Cerqueira Nunes da Silva, dedicado elemento que, na qualidade de Secretário muito tem contribuído para o bom andamento da vida dos Bombeiros.

Soube-se, entretanto, que o sonho do novo quartel está parado. A falta de autorização para negociar a venda do actual edifício, terá sido uma das causas, perdendo-se a oportunidade do contrato que seria vantajosa para os Bombeiros de Esposende.

A gerência do Estúdio D. Sebastião tem planeado um vasto programa de sessões de cinema destinadas às crianças e à divulgação cultural e artística.

Prevê a gerência, cuja iniciativa será de acarinhar, iniciar este longo ciclo de cinema cultural e para crianças, no mês de Fevereiro em curso e vai alargar o benefício às freguesias de Gandra, Rio Tinto, Fonteboa, Palmeira, Vila Chã, Forjães e Sampaio de Antas.

No plano, elaborado cuidadosamente, estão incluídos filmes da melhor qualidade técnica.

Filmes a apresentar durante o mês de Fevereiro corrente:

Dia 9—«Pronto a Disparar», Acção.

Dia 10—«A Hiena do Karate», Karaté.

Dia 16—«Ao 3.º Dia Chega o Corvo», Aventuras.

Dia 17—«Cidade Violenta», Acção.

Dia 19 (Dia de Carnaval)—«Amor, não me faças mal», Comédia.

Dia 23—«Por uma mão cheia de Diamantes», Acção.

Dia 24—«Caça Zero Terror do Pacífico», Guerra.

Boletim Interparoquial

A partir de Janeiro passado, o Arciprestado de Esposende conta com publicação própria: «Renacer» é o seu título e abrange o noticiário religioso de treze freguesias, incluindo Vila Cova, do concelho de Barcelos.

É seu director, o padre Manuel Batista de Sousa, arcipreste de Esposende.

PORQUE "ELE" NASCEU

(continuação da 1.ª página)

parto. Os casais que passaram tanto tempo à espera do seu filho, organizando já a sua vida ao redor do novo elemento da família, necessitam de muito amor e apoio (que não de pasmo ou compaixão) e a primeira pergunta que nos devemos fazer a nós mesmos é se não teremos pecado aqui milhentas vezes por omissão.

Contudo, os recém-nascidos com anormalidades são muito mais frequentes do que habitualmente se supõe: um em cada oitenta (um número que os casais de noivos deveriam saber) e o útero já se desembarçou dos fetos com anomalias mais graves, pelo aborto espontâneo, por vezes tão precoce que a mãe pensa ter tido apenas uma irregularidade menstrual, de 2 a 3 semanas. Admite-se que são assim eliminados mais de 2/3 de todos os ovos humanos formados.

Quer dizer, a doença hereditária é, como as outras doenças, uma constante da vida. E tem também (que os doentes e pais de doentes se não escandalizem) o seu aspecto positivo no plano biológico, já demonstrado nalguns casos e que beneficia a população: o diabético sofre pela falta de insulina mas o simples portador do gene resiste mais à fome que quem não possui o gene; a criança com anemia falciforme, tão frequente em Angola, morrerá precocemente, enquanto o irmão portador do gene será pouco afectado pelo paludismo. Temos assim um delicado equilíbrio que levou milhares de anos a constituir e no qual a Medicina não pode mexer sem ponderar os resultados possíveis, em termos da população. Isto é muito importante quando o meio ambiente se modifica rapidamente mercê da poluição, como já acentuamos em 1972.

Por esse motivo, as medidas generalizadas de prevenção de doenças hereditárias acabam por ter efeitos paradoxais sobre a «riqueza» genética da população, além de reflexos importantes de ordem social, cultural e até médica. No ponto de vista genético, uma população é tanto mais rica quanto maior for a diversidade dos genes que nela estão conti-

dos. Foi esse o erro da eugenia, proposta na Inglaterra e aplicada, de mistura com a eutanásia, na Alemanha hitleriana. Os resultados da experiência foram tão trágicos que, durante 30 anos, não se voltou a falar de eugenia, mas a geração presente parece já achar «natural» que se impeça a doença hereditária para a sociedade não ser sobrecarregada.

A Sociedade Americana de Genética Humana teve de consagrar um congresso a rebater as novas formas de eugenia, e, em recente simpósio da UNESCO, tivemos a alegria de ver aprovada uma moção no sentido da liberdade de opção do indivíduo ou do casal em face da informação genética. O geneticista não poderá impor a sua opinião nem intimidar o consultante: da Europa à América, todos os que têm escrito sobre as normas do aconselhamento genético são unânimes quanto a esta regra.

O que se torna indispensável é fornecer à população, sobretudo em idade escolar, os conhecimentos básicos sobre este assunto, numa forma construtiva: não se pode admitir que um pai, mesmo de formação universitária, conheça hoje de hereditariedade apenas aquilo que pertence à sabedoria popular...

Este ponto merece reflexão: a Genética dirá que o risco de nascimento de um filho com uma determinada doença hereditária é, por exemplo, 25%. Isto quer também dizer que a probabilidade de nascer uma criança sem essa doença é 75%. O genetista deverá contribuir em equipa com o psicólogo, o ginecologista, o andrólogo, a assistente social, o sacerdote, a preparar a informação necessária para uma paternidade consciente, tendo em conta as características socio-culturais e económicas do casal.

Da mesma forma, a tecnologia médica permite hoje obter amostras de líquido amniótico, com células fetais, ao 4.º mês de gestação e pesquisar um número necessariamente limitado de doenças. O risco da colheita é reduzido, mas existe, acarretando de 1,5 a 3% de abortos, e em 10 a 15% dos casos é necessário repetir a colheita.

Para que serve este método? Em primeiro lugar, não é genera-

lizável a todas as gestações, pelo trabalho e dispêndio que acarreta, e em princípio está indicado apenas nas gestações em risco de o embrião ter uma determinada doença, por ela ter aparecido já em familiares próximos, ou nas gestações em que os progenitores são de idade avançada.

Convém esclarecer, antes de mais, que um resultado negativo não é um atestado de normalidade do futuro recém-nascido: se se pesquisar uma das poucas que podem sê-lo entre as 3000 doenças hereditárias conhecidas, fica a incógnita quanto às restantes 2999, e o pequeno ser continua sujeito ao efeito nocivo dos factores ambientais até ao parto... Por outro lado, começam a ser referidos, por investigadores reputados, casos (raros, é certo) de embriões com duas linhas celulares, uma das quais, anormal, desapareceu entre a amniocentese e o parto, permitindo o nascimento de uma criança normal.

A informação de que o embrião é anormal poderá levar os pais a pedirem a interrupção da gestação nos países onde tal é legalmente permitido. Quer dizer, este método fornece uma justificação médica para o aborto. Por outro lado, é certo, permite a «escolha» de um filho sem uma determinada afecção a casais que têm alto risco de filhos com essa doença.

Mas será justificação suficiente? É fácil argumentar que esta pergunta envolve um preconceito — e vivemos uma época em que existe o preconceito de que os preconceitos são desprezíveis. Mas na verdade a amniocentese não faz mais do que antecipar para o 4.º mês de gestação, embora com pequena margem de erro, o conhecimento de uma anomalia que se receava acesse no recém-nascido. A grande diferença reside na maneira como se encara a morte de um recém-nascido e a morte de um embrião ao 5.º mês de gestação: na opinião do Conselho Permanente do Episcopado Francês, a propósito da lei sobre a «interrupção voluntária da gravidez», aprovada provisoriamente em França em 1975, a consciência moral da população degradou-se e «um acto grave torna-se banal e, para a opinião pública, indiferente».

Corre-se ainda o risco de o casal pretender (ou o médico aconselhar) que o seu filho não seja sequer portador da alteração cromossómica ou génica que possuem os seus progenitores, para lhe «evitar» o traumatismo psicológico adveniente, e então a sentença de morte incidirá sobre um ser não doente. Nesse momento, ninguém, nem nós próprios, estaríamos a salvo: cada ser humano possui, em média, 3 a 4 genes recessivos que provocam doença em homocigotia; felizmente, o casamento faz-se, em regra, com uma pessoa que tem também 3 a 4 genes nocivos, mas diferentes (daí, o maior risco de doenças hereditárias para casais de primos).

Mesmo que se encare apenas o problema dos doentes, trata-se de seres humanos, com todos os seus direitos, prerrogativas e potencialidades. Poderão faltar aos

com novas instalações

SUPERMERCADO JAJU

Visite-nos na Avenida Valentim Ribeiro (a 50 metros das antigas instalações)

A mesma tradição
A economia de sempre

Telefone 89183 ESPOSENDE

CARNES VERDES
SECÇÃO ESPECIAL DE TALHO

FILIAL EM OFIR / FÃO — NA TORRE B

PUBLICIDADE

Declaração / Seguros

Apesar da minha representada **Companhia de Seguros «DOURO»**, ficar com o meu antigo escritório a explorar os seguros por pessoal qualificado, eu não deixo de ter o mesmo interesse na manutenção dos mesmos e na efectivação de novos.

Por este motivo agradeço aos meus Ex.mos Segurados e Amigos o favor de ali se dirigirem sempre que necessitem de fazer qualquer seguro. Desde já agradece penhoradamente este

MEDIADOR DE SEGUROS

Alberto E. S. Bermudes

JOÃO MARIA S. NUNES DA SILVA

Técnico de Contas
inscrito na D. G. C. I.

Aceita Escritas dos Grupos A e B

Telefone 89874 ESPOSENDE

SNACK-BAR VELASCO

SERVIÇO DE CAFÉ E BAR
PETISCOS VARIADOS
máquinas de diversões

Aberto até às 2 horas da madrugada

Rua Narciso Ferreira ESPOSENDE

pais a coragem e o amor, poderá a sociedade afirmar cinicamente que lhe é mais barato matar um embrião que tratar um paciente e que na sociedade de «bem-estar» que se almeja não há lugar para os deficientes mentais ou malformados congenitamente. Se os pais do Dr. Hawskins tivessem tido recurso à amniocentese há trinta anos, talvez o mundo perdesse um homem que, pregado embora a uma cadeira de rodas, é considerado superior a Einstein pela revista «Nature». Simplesmente, no nosso meio, os pais têm o direito de perguntar que apoio lhes dá a comunidade, lhes damos nós, para criar um deficiente—e nós apresentamo-nos quase de mãos vazias...

Na Antiguidade, as crianças que nasciam com anomalias eram entregues pelos médicos (a quem por juramento estava vedado o aborto) aos sacerdotes, que as sacrificavam em lugares sagrados como o monte Taigeto, e ainda hoje, a mesma solução é utilizada por tribos da América do Sul. E quase nos esquecemos de que foi para modificar o valor da Vida e a própria essência do Homem que ELE nasceu.

AMANDIO S. TAVARES

(Do semanário «A Ordem», do Porto, com a devida vénia)

Nélia

GRILL-RESTAURANTE
1.ª categoria

café
salão de chá
pastelaria
bebidas

HOTEL ★★★

Telefone 89119 ESPOSENDE

O Povo e Manuel de Boaventura

TI' CAROCEIRO

Ao iniciar a publicação de contos de Manuel de Boaventura, «Jornal de Esposende» pretende, antes de mais, contribuir para a divulgação da sua obra literária começada em 1909 com o Romance «O Solar dos Vermelhos» e depois para a justa consagração pública, que vem tardando, já que no presente ano, e se ainda pertencesse ao número dos vivos, fazia 70 anos de actividade literária.

Pretendemos assim não cometer a injustiça, ou, pelo menos, alimentá-la, de ignorar por completo Manuel de Boaventura, Escritor da vernacularidade do povo do nosso Concelho e do Minho.

Ao longo de 1980 publicaremos alguns dos seus Contos e daremos forma a algo mais que julgemos oportuno.

«Aqui del-rei!

—À del-rei, fogo!

Estavam todos no serão, em casa dos Matias—um serão ruidoso, de fama pelas aldeias da redondeza, que terminava sempre com danças e descantes, por horas perdidas da noite.

Bem que, todos os domingos, por alturas da homilia o senhor Abade, gesticulando muito e de cenho carregado, dizia, com vista nas labaredas eternas e nos ouvidos o cantochão do *Dies Irae*:

«Os serões são a perdição das almas: quem os frequenta não pode entrar no céu».

O Velho Súcia, que tinha carro-e-meio de anos, tocava rabeca no serão e dançava e cantava com as moças, dizia com os seus botões:

—Sim! sim... mas a vida são dois dias...

Havia mais quem não acreditasse nas palavras criteriosas e cheias de bom senso: era a mocidade. Bem que as mães chamavam à ordem:

—Ouviram? São palavras vindas de Deus...

—Senhora Mãe? Ele é que já se não lembra que fazia como nós.

O caso é que os marotaços não mostravam grande prazer em acompanhar o senhor Abade ao céu, e as moças, essas punham-se a futurar o que não teria feito aquele padre, quando ia também aos serões, inda mesmo já era aprendiz de missa... O que não teria feito o maganão...

Não, aquelas sadias moças de Vilachã, de pé alceiro para dança e de garganta de prata para cantiga—quem canta melhor que elas—não desejavam acaudalhar com as beatas sonsas—as Rêcas e as Formilhas,—ladrapas e linguarudas. Era-lhes mais agradável, mais simpático, o serão das Matias sarrabillhotas e alegres, inda mesmo (e talvez por isso) quando se trocavam beijos com os conversados.

Que tinha lá isso, se haviam de casar adiante, pelo Livramento?

Bom: vamos acudir ao fogo, que é pressa maior.

—Aqui del-rei... eil...

—Acudam, acudam!

O grito estertoso não vinha de longe, mas ninguém ouvia. Tudo no serão, em algazarra. Jogava-se o «Sapato-tau-tau», que é jogo brincalhão, a requerer muita agilidade. Sentados todos no chão, formando círculo, com os pés para o centro, os joelhos oucrados e as mãos por baixo a fazerem correr o chinelo, que o do centro pretende agarrar, para evitar que lhe estrondeje no costado:

—Tau! Tau!

E lá fora, angustioso, o grito que se não ouvia:

—Fogo! fogo!

Isso sim: ninguém! A lareira o Malafaia, manco, espenicava fados na viola; o Zé Valente zari-gonchava na harmónica; e a Feireira, cantava a meia voz cantigas da mocidade. E que bem cantava, a Feireira!

—Tau!

Nas estreitas costas do enfêzado Melúria, estralejava o chinelo de minuto a minuto. Bem que ele se movia e parecia pião em rodopio—aquí mete mão, mete mão acolá, por baixo dos joelhos, em arco, de rapazes e raparigas... Mas do lado oposto:

—Tau!

E mal se voltava, do lado de cá.

—Tau!

Como era véspera de Reis não se fiava e, mais de trinta môços, ali se divertiam. Até os de Sussão ali vinham derriçar com as raparigas, enquanto elas fiavam. Que—a bem dizer—fiava-se pouco...

—Fogo!

Só ouviram isto, quando, esbaforidos entraram de supetão os Palheiros e os Pelotes:

—Eh! gentes! Acudi! Está a arder a barraca do Ti' Caroceiro.

Era ali a beirinha parecia impossível que não tivessem dado por isso. Só pelo diabo! Tudo desarvorou: os rapazes de cambalhada; e as moças agarraram-se aos cântaros.

Línguas de fogo saíam pelos interstícios das casqueras. O Velho Calceteiro, inda estaria lá dentro?

—Arromba!

Precipitaram-se para a fanelinha porta, que cedeu à pressão dos ombros do Barrozinho e do Silvestre.

O Caroceiro era na aldeia um filósofo encartado, com ideias estrambólicas e a quem se atribuíam boas piadas. Trabalhador enciclopédico, nas horas vagas de caçador furtivo, à espera de perdizes e coelhos, era moleiro, no inverno e dividia-se pelas azenhas do Bica, do Súcia ou do Ti' António Rico. Na primavera ajudava os lavradores a virar a leiva pelas agras. Logo adiante, para fugir ao sacho—era finório!—ia fazer calcetas ao Mata-Sete e ao Bigode de Ferro.

Andava sempre vestido, quer de verão, quer de inverno com esfiapada andaina de cotim, a camisa desapertada e o peito cabeludo ao léu. Muito alto, esgrouviado, pequena cabeça de pardal, picado das bexigas, olhitos muito vivos... Amarruava.

Vestia curta, só até onde chegava a fazenda, mais parecia casaquinho de menino, do que de homem amadurado pelos sessenta.

—Ti' Joaquim! não tem frio? Ele fingia não tremer:

—Isso sim! Nosso Senhor sabe bem o que faz e dá frio consoante a roupa...

Mas o coitado todo se arrepiava, quando à noite, ou nas madrugada, por S. Lourenço, pelo Crastelinho ou pela Morteira, fazia espera às perdizes e coelhos. Era o dono daquela bicharada toda. Também só tinha aquilo...

A velha espingarda de espoleta—o bacamarte—tinha-a em estimação pendurada de um prego, perto do telho. E que às vezes os coelhos vinham à sua cardenha desafiá-lo e até as perdizes escarneciam da «canhota» de cronha encarunjada.

—Eh! lá! levas a esmola da casa. Pum!

E às vezes, mesmo ali à portamirava bem—um coelhito imprudente ficava a espernear.

Pelo Natal o Ti António Rico, sempre filantropo e generoso,

(continua na 2.ª página)

Registo de Notas

OS ESTALEIROS NAVAIS DE ESPOSENDE

—Breve evocação histórica

Pelo Dr. SOBRAL TORRES

Conforme este Jornal noticiou, foram levantadas as duas primeiras «quilhas» no pequeno e «novo» estaleiro, recentemente instalado na nossa Ribeira, mais ou menos no sítio onde se construíram, em Esposende, os últimos barcos de alto bordo, há cerca de 40 anos.

Este agradável acontecimento—para além do seu interesse, evidente, para a economia do Concelho—assinala o regresso a uma típica actividade industrial, que foi próspera e famosa, em tempos mais ou menos recuados. E faz-nos recordar alguns passos da interessante história dos nossos antigos estaleiros navais, que as gerações mais novas certamente desconhecem, enquanto já poucos esposendenses se lembrarão bem do saudoso «estaleiro velho» ou «estaleiro do Sul», situado no amplo largo marginal, a poente e no enfiamento lateral das Ruas João de Freitas e Travessa dos Pescadores.

Este estaleiro remonta, pelo menos, aos princípios do Século passado. Mas, até 1838, as construções seriam de pequenas dimensões: não excederiam os 77 palmos de comprimento, 25 de boca e 10 de pontal.

Depois, até 1856, o número de barcos ali construídos e respectiva envergadura aumentaram, aparecendo os primeiros «brigues» com mais de 110 palmos de comprimento. Nesse longínquo ano de 1856, a construção naval nos nossos estaleiros atinge grande incremento e novos aperfeiçoamentos técnicos, sobressaindo, então, pela elegância e bom acabamento, o bri-gue «Relâmpago». Em 1865, ficou pronta e aparelhada a escuna «D. João», sob a direcção de António Garcia, natural desta Vila. Este navio, com armação diferente das anteriores construções, aproximava-se das 500 toneladas, pois a sua quilha media 150 palmos, tinha 35 de boca e 16 de pontal. Muitos outros barcos (iates, patachos, brigues e escunas), foram, entretanto, concluídos nos estaleiros da Vila, «tendo aí por 1877, desaparecido o levantamento de novas quilhas, por falta de pessoa habilitada para esse fim». Por isso, durante cerca de 40 anos, aqueles estaleiros trabalharam somente em reparações de navios que, pela sua tonelagem, não podiam alcançar os estaleiros de Fão, igualmente muito antigos e importantes, mas cada vez mais condicionados, pela baixa navegabilidade do rio Cávado, para montante.

Até que em 1917, depois de algumas obras de aterro e rectificação ao longo da doca Sul, o estaleiro velho é ampliado e reapetrechado, graças à iniciativa de José da Costa Terra, retomando intensa e notável actividade, agora com a construção de unidades navais consideradas de alto bordo e grande tonelagem, e uma vez que então, qualquer maré atingia 12 a 15 palmos por alturas da «Junqueira» (a Sul dos estaleiros), permitiam assim quilhas de 200 palmos, ou seja, para navios de mil e duzentas toneladas.

Não admira, pois, que as forças vivas locais e a população em geral passasse a acompanhar com grande interesse o constante labor dos seus «renascidos» estaleiros; e assistissem entusiasmadas aos frequentes «bota-abaixo» de modernas e elegantes embarcações de alto mar.

Foi o que sucedeu, em 5 de Agosto de 1917, quando foi lançado à água o lugre «Elmano», em dia de festa grande para o Concelho de Esposende, que recordaremos no próximo número, socorrendo-nos ainda de «O Cávado», que também registou expressiva e pormenorizadamente, aquele notável acontecimento público.

S. T.

UMA TRAGÉDIA FAMILIAR EM APÚLIA

(continuação da 1.ª página)

Depois de ter disparado um tiro contra a esposa, ainda amparada pelos vizinhos e intimidados estes, o Albertino disparou à queima-roupa os tiros que lhe apeteceu, ao todo seis, até acabar com a vida da vítima.

Nem a incapacidade de defesa da mulher, nem o pedido porém feito para a não matar conseguiram demover a intenção criminosa do Albertino que, perante testemunhas presentes e as lágrimas dum filho do casal que, ali ao pé da mãe, gritava súpli-

ca, impediram o Albertino Fradique de assassinar a esposa a sangue frio.

O móbil do crime teria sido a desavença existente entre o casal. O autor do crime alega, contudo, infidelidade por parte da esposa, facto que toda a freguesia contesta, uma vez que a vítima era tida como respeitável e, inclusivé, o ganha pão para a família numerosa, pois que o marido apenas se dedicava à caça e não a ajudava nos trabalhos do campo.

Quando da última zanga e já depois do regresso do Porto o Al-

bertino teria alegado abandono do lar por parte da esposa quando, segundo se diz, teria sido ele que a proibiu de o fazer, premeditando, concerteza, o acto agora praticado.

Após praticar o crime dirigiu-se para casa e aí a guardou a chegada da G.N.R. de Esposende que, após tomar conta do sucedido, o conduziu para o Posto onde se processaram as averiguações usuais.

Depois de ouvido pelo Juiz da Comarca foi transferido para Viana, onde aguardará julgamento.

JORNAL DE ESPOSENDE

Redacção - Admin.: Rua Conde de Castro, 3-1.º E — 4740 ESPOSENDE



PORTE PAGO

avençado